

Credores estão céticos com sugestão de 'exit bonds'

REGIS NESTROVSKI
Correspondente

NOVA YORK — Os banqueiros credores estão reagindo com muito ceticismo sobre a proposta a ser apresentada pelo Presidente do Banco Central, Fernando Milliet, na reunião do dia 23 sobre a conversão da dívida em **exit bonds** (bônus de saída). Muitos banqueiros não aceitam a conversão, já que no mercado secundário americano a dívida brasileira teria um deságio de 45%, ou seja, para cada dólar, ela valeria 55 centavos. O Ministro da Fazenda, Bresser Pereira, prevê que a dívida possa ser vendida a 70 centavos.

Segundo a firma Keefe, Bruyette and Woods, que analisa os bancos americanos e seus investimentos na América Latina, "Brasil e banquei-

ros caminham para um impasse. Ambos os lados estão fortes para a negociação, já que o Brasil não paga há mais de seis meses e os bancos, mesmo não recebendo, tiveram suas reservas aumentadas e, com isso, compraram tempo".

Mesmo cotada a 55 centavos por dólar a dívida brasileira ainda é melhor vista do que a dívida da Argentina, por exemplo, que assinou um acordo formal com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e recebeu dinheiro novo dos bancos há menos de um mês. A dívida argentina está sendo negociada com 50% de deságio no mercado secundário de Nova York.

Ao mesmo tempo, o Citicorp, empresa que controla o Citibank, anunciou que irá converter US\$ 25 milhões da dívida venezuelana em capital de risco, em Caracas. Esta é a primeira grande conversão do Citi,

mostrando que algo similar, mas com valores bem mais elevados, poderia ser feito no Brasil.

Com muitos banqueiros americanos de férias e outros em Washington fazendo **lobby** para o Secretário do Tesouro, James Baker, pressionar, o quanto puder, o Ministro Bresser Pereira na próxima semana. Setembro começa como um mês decisivo na dívida externa brasileira. Na reunião do dia 23, segundo um banqueiro credor, duas coisas podem acontecer: o Brasil continuar em moratória ou os bancos concordarem com parte da proposta brasileira e pedirem um **spread** de um ponto acima da **libor** nos US\$ 4,3 bilhões para este ano, que o Brasil vai pedir. Mesmo a segunda hipótese poderia ser considerada como uma vitória brasileira em Nova York.